

Surdocegueira
Uma condição

**GUIA DE ORIENTAÇÃO PARA:
INCLUSÃO DE CRIANÇAS E JOVENS
COM SURDOCEGUEIRA E COM
DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA SENSORIAL**



**GUIA DE ORIENTAÇÃO PARA:
INCLUSÃO DE CRIANÇAS E JOVENS CO SURDOCEGUEIRA
E COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA SENSORIAL**

Elaboração:

Shirley Rodrigues Maia
Vula Maria Ikonomidis
Marcia Maurilio Souza
Susana M. M. Araoz
Ana Lúcia Rago
Maria Aparecida Cormedi

Colaboração:

Helena Burgés Olmos
Luciana Pinto Cardoso
Sandra R. S. H. Mesquita
Dalvanise de Farias Duarte

Coordenação:

Dra. Maria Bove
Consultora da Perkins Internacional

Revisão 2012

Shirley Rodrigues Maia
Marcia Maurilio Souza
Vula Maria Ikonomidis
Luciana Pinto Cardoso
Susana M. M. Araújo

1ª Edição
São Paulo
Grupo Brasil
2012

Revisão Final 2013

Shirley Rodrigues Maia
Marcia Maurilio Souza
Vula Maria Ikonomidis
Luciana Pinto Cardoso
Susana M. M. Araújo
Regina Maria de Jesus Flôter
Helena Burgés Olmos
Ana Lúcia Rago
Maria Aparecida Cormedi

2ª Edição
São Paulo
Grupo Brasil
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guia de orientação para (livro eletrônico): inclusão de crianças e jovens com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial. – São Paulo: 800 kb ; PDF

ISBN: 978-85-62252-12-9

1. Deficiência auditiva 2. Deficiência múltipla sensorial 3. Deficiência visual 4. Deficientes-Educação 5. Educação especial 6. Inclusão escolar 7. Políticas públicas

12-13911

CDD-371.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Crianças e jovens com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial: Inclusão escolar: Educação especial 371.9



Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial
Rua Baltazar Lisboa, 212 – Vila Mariana
CEP: 04110-060 – São Paulo – SP
Fone/Fax: 55 11 5579-5438 / 5579-0032
grupobrasil@grupobrasil.org.br
Prefixo editorial: 62252

Agradecemos a Lavelle Fund for the Blind New York

Diagramação: Inês Igino – AHIMSA Associação Educacional para Múltipla Deficiência

A INCLUSÃO DE CRIANÇAS E JOVENS COM SURDOCEGUEIRA E COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA SENSORIAL: UMA VISÃO RESPONSÁVEL

“Toda pessoa tem em si mesmo possibilidades que estão à espera de descobertas” Helen Keller

Apresentação

Este guia foi elaborado visando à promoção de Políticas Públicas para inclusão responsável de crianças e jovens com surdocegueira e/ou com deficiência múltipla sensorial, ele foi elaborado visando a promoção de Políticas Públicas e coordenado pela consultora do Project Lavelle/Perkins professora Dr^a Maria E. V. G. Bove.

O grupo de trabalho foi composto por representantes das instituições participantes do Projeto Perkins Lavelle: AHIMSA - Associação Educacional para Múltipla Deficiência, ABRAPASCEM - Associação Brasileira de Pais e amigos dos Surdocegos e dos Deficientes Múltiplos, ADefAV /CRIFES, Setor de visão subnormal da Santa Casa.

Sumário

Histórico da Educação da Pessoa com Surdocegueira no Brasil	09
Visão	11
Objetivo	13
Justificativa.....	13
Apoios mais importantes para inclusão de crianças e jovens com Surdocegueira e Deficiência múltipla sensorial nas escolas públicas	15
Recomendações	39
Referências.....	40
Glossário.....	44

Introdução

Vivemos em tempo de urgências. Urgências pelo reconhecimento de nossa humanidade, de nossa competência de convivência com os outros, do exercício de tolerância, de empatia e compaixão na interação entre iguais. Iguais no direito de uma existência digna no reconhecimento do direito humano de conviver, aprender, crescer a partir de nossos limites que sempre podem ser enfrentados, superados, mesmo que em situações extremas.

Enquanto seres humanos, estamos, desde o nascimento, em franco enfrentamento com a inclusão do outro em nossas vidas. Sempre o diferente, o que não sou eu, mas que nele me vejo, percebo e me sinto. Conheço-me. Sem essa mediação inclusiva, sempre e permanente, do outro não me reconheço, não me construo. Tampouco o outro. É nessa empatia amorosa, que também lida com nosso ódio..., que nos fazemos gente. Mais do que nunca é urgente a criação desse acolhimento do NOVO olhar com o outro e para com nós mesmos.

Mais do que nunca se faz necessário resgatar esse humano. Somente numa sociedade, numa escola da exclusão, da expulsão, pode-se falar na “introdução da inclusão”!!

Vivemos em tempos de rompimentos paradigmáticos! Na busca de ser mais íntegro, mais uno e múltiplo, como a marca de nossa digital. Vivemos tempos de desvelamentos de preconceitos, de segregações injustas, indignas para com a pessoa humana. Mais

do que nunca, necessitamos aprender a ser discípulo do que não se vê ainda em cada pessoa, da aposta na competência de cada ser vivo, pessoa humana em crescer, transformar-se e mudar a ordem do rotineiro, da acomodação preconceituosa do ordinário. Apostar no extraordinário que cada um pode vir a assumir. Ingrediente germe, semente dessa ação visionária está na nossa competência humana de AMAR.

Mas, embora sendo geneticamente amorosos (somos fruto de dois que se amaram), amar é um aprendizado de toda uma existência. Necessita-se de disciplina para viver a aventura desse aprendizado.

Exemplo dessa busca, desse esforço é o documento dessa equipe que aposta no direito de que “toda pessoa tem em si mesmo possibilidades que estão a espera de descobertas”, como bem nos diz Helen Keller.

Madalena Freire

Maio de 2011

Histórico da Educação da Pessoa com Surdocegueira no Brasil

O trabalho com a pessoa com surdocegueira no Brasil iniciou na década de 60 por iniciativa da professora Nice Tonhosi Saraiva. Ela acompanhou a visita de Helen Keller no Brasil no ano de 1953, ficando muito impressionada ao conhecer a primeira pessoa com surdocegueira perfeitamente incluída na sociedade. Esse fato marcou de tal forma sua vida que passou a se dedicar a uma nova luta: Introduzir a educação da pessoa com surdocegueira no Brasil. Depois de ter cursado na Escola Perkins nos Estados Unidos, retornou ao Brasil e conseguiu a fundação da Erdav – Escola Residencial para Deficientes Auditivos Visuais em São Caetano do Sul – SP (1969), considerada a primeira escola na América Latina e no Brasil.

Ela foi fechada e reaberta em 1977 com nome Escola de Educação Especial “Anne Sullivan” e somente em 1983 foi criado um novo programa em São Paulo e outros programas surgiram a partir de 1990 em São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Paraná. Nesta mesma época com apoio de Instituições internacionais: Programa Hilton Perkins (USA), Sense Internacional (Inglaterra) e Associação Sueca de Organizações de Pessoas com Deficiência para o Desenvolvimento Internacional (SHIA da sigla em Sueco) iniciou-se um processo de

reorganização dos programas educacionais adequando a metodologia de trabalho e organizando a formação dos profissionais, pais e de pessoas com surdocegueira para buscar o reconhecimento da categoria pelo governo brasileiro. Com este trabalho as instituições, familiares e pessoas com surdocegueira mais fortalecidos criaram uma rede de serviços e ações conquistando o reconhecimento da mesma em 2000, pelo Ministério da Educação.

Hoje, após apoio da Secretaria Nacional de Educação Especial temos programas de atenção quase em todo Brasil e muitas pessoas com surdocegueira estão inseridas em escolas comuns, universidades, atividades culturais, esportes e no trabalho.

Visão

A visão do grupo de trabalho considera necessária que uma inclusão escolar responsável para crianças e jovens com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial em escolas do ensino público contemple os seguintes aspectos:

- ❖ A inclusão escolar responsável utiliza um processo que possibilita igualdade e oportunidades para todos e respeita as diversidades dentro de comunidades escolares inclusivas criando uma cultura inclusiva escolar.
- ❖ A cultura inclusiva considera a família o pilar deste processo.
- ❖ A inclusão escolar responsável proporciona ao educando as habilidades necessárias para obter qualidade de vida.
- ❖ A inclusão escolar promove um ambiente em que o educando é considerado um membro importante, ativo e valorizado. Neste contexto o educando tem direito a participação em todas as atividades escolares beneficiando a todos os educandos da sala de aula e favorecendo as relações sociais significativas entre seus pares.

Neste processo inclusivo o educando pertence ao sistema de ensino com direito a educação individualizada, acesso e

participação ao currículo geral, com todos os apoios e recursos necessários.

Este processo fomenta a participação com colegas da mesma idade cronológica na sala de aula e em todos os ambientes da escola [recreio, refeitório, quadras e outros].

Este processo viabiliza a colaboração entre família, professores da sala regular, coordenação, direção, profissionais especializados e outros membros da comunidade escolar.

Objetivo

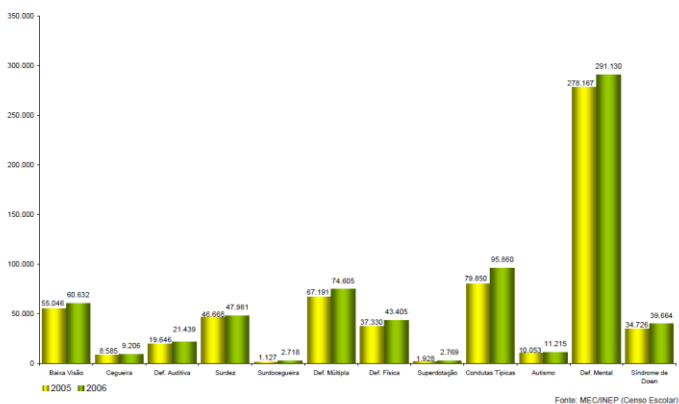
Desenvolver em consenso com as instituições participantes do projeto Perkins Lavelle um guia para políticas públicas sobre a visão e os apoios mais importantes para a inclusão de crianças e jovens com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial.

Justificativa

A Surdocegueira como categoria foi inserida no Censo escolar de 2006, sendo registradas 1.176 pessoas com surdocegueira e 66.000 com deficiência múltipla sensorial. No ano de 2007 o total de 2773 pessoas com surdocegueira e 77.700 com deficiência múltipla sensorial.

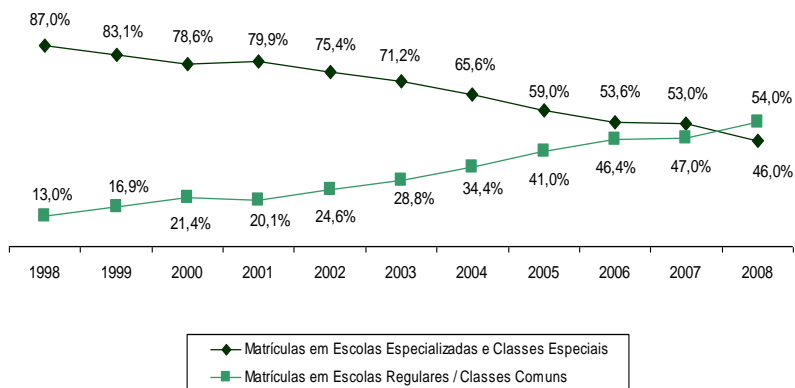
Cabe ressaltar que a Deficiência múltipla sensorial é a terceira maior incidência de matrículas na escola regular.

Fluxo de Matrículas na Educação Especial por tipo de N.E.E - 2005 e 2006



O Ministério de Educação afirma em 2007 que esse aumento de matrículas de alunos com surdocegueira está relacionado com a Formação de Multiplicadores.

Dados atualizados indicam um aumento de número de matrículas de pessoas com deficiência na escola comum.



Estes dados refletem a necessidade de implementação de ações junto as escolas comuns para o desenvolvimento de uma cultura inclusiva que contemple todos os apoios necessários para uma inclusão responsável.

Apoios mais Importantes para Inclusão de Crianças e Jovens com Surdocegueira e Deficiência múltipla sensorial nas Escolas Públicas

São todos os apoios e adequações oferecidos aos educandos para a educação inclusiva responsável e de qualidade, considerando as necessidades individuais.

Tais apoios referem-se aos aspectos culturais, do contexto da escola e comunidade, do acesso e participação ao currículo geral e ao desenvolvimento das habilidades de qualidade de vida. São eles:

I. APOIOS PARA COMUNICAÇÃO.

Sendo a linguagem e comunicação o aspecto fundamental para as interações sociais, aquisição de conceitos, aprendizagem e elaboração do pensamento, torna-se essencial que o educando tenha acesso a todas as possibilidades de comunicação receptiva e expressiva. Para tanto serão utilizados:

1. Tecnologia Assistiva

“Tecnologia Assistiva [TA] é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou

mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.” (CAT/SEDH 2009).

1. Software como: [DOSVOX, Virtual Visión, Jaws]
2. Equipamentos: Sintetizadores de voz, máquina Perkins, Loops, Display Braille, Acionadores, lupas eletrônicas, CCTV, Telulupa, Computadores, Telefones, Bengala, Andador.
3. Recursos Acessíveis: sistema de calendário, prancha de comunicação, plano inclinado em papelão ou madeira, letras móveis [EVA, Plástico, madeira, caderno de madeira], pré-bengala, engrossadores para talheres, adaptadores para cortador de unhas e pratos.

2. Comunicação Alternativa e Aumentativa

O termo Comunicação Alternativa e Aumentativa é utilizado para definir outras formas de comunicação como o uso de **gestos, língua de sinais, expressões faciais**, o uso de **pranchas de alfabeto ou símbolos pictográficos**, até o uso de sistemas sofisticados de computador com voz sintetizada (GLENNEN, 1997).

2.1 Comunicação formal convencional: língua de sinais, sistema Braille, Fala, Alfabeto Manual, escrita, sistemas de comunicação aumentativa e alternativa [Bliss, PCS, COMPIC, PECS, e outros].

2.2. Comunicação Não formal: sistemas de calendários, figuras, desenhos, objetos, gestos naturais, expressão corporal e outros.

II. APOIOS PARA O&M

“O conceito orientação e mobilidade significa mover-se de forma orientada, com sentido, direção e utilizando-se de várias referências como: pontos cardeais, lojas comerciais, guia para consulta de mapas, informações com pessoas, leitura de informações de placas com símbolos ou escrita para chegarmos ao local desejado” (GIACOMINI, 2008, p. 15).

“Significa mover-se de forma orientada aproveitando-se de todas as informações sensoriais disponíveis e facilitando o processo de comunicação com o seu entorno.” (GIACOMINI, 2008, p. 15). Considerando que a inclusão responsável deve permitir a circulação, acesso e participação de todos os educandos por todos os espaços e atividades do contexto escolar tornam-se necessário que a escola promova adequações garantindo orientação e mobilidade segura. São elas:

1. Ambiental

1.1. Geral

Sinalização, adequações arquitetônicas, piso podotátil, iluminação, cores e contrastes, elevador, banheiros, rampas, barras de apoio.

1.2. Sala de aula: áreas bem demarcadas, mobília adequada, cadeiras adequadas, espaços organizados e identificados [multicomunicação], distancias adequadas, iluminação, cores e contrastes adequadas.

1.3. Sala de Educação Física: Estar localizada no térreo ou com acesso fácil por meio de elevador, rampas e outros.

Pé direito alto, caso tenha uma quadra coberta deverá ter: iluminação lateral (na parede), voltada para o centro.

Chão com linhas fortes e contrastantes (amarelo com preto, azul com amarelo, vermelho com amarelo);

Objetos com diversas formas, funções, tamanhos, cores e texturas. Exemplo: bola de tênis, futebol, plástico, basquete, vôlei, de meia, bolão, bolinha de gude, medicine Ball.

Prática de ginásticas e lutas deve ter o chão protegido com tatames;

Recursos audiovisuais.

2. Adequação Postural

Postura

Para Smith, Weiss e Lehmkuhl (1997) postura é definida como uma posição ou atitude do corpo cujas partes se dispõem relativamente para realizar uma atividade específica com o menor gasto energético ou mesmo para sustentar o próprio corpo.

O que é considerado boa postura?

Segundo Kendall et al. (1999 apud Pinto e Lopes, 2001) a boa postura é um bom hábito que contribui para o bem-estar do indivíduo.

A má postura ou mau posicionamento limita as experiências de movimentos e as possibilidades de interação com o mundo, desta forma a oportunidade de aprendizagem estará também limitada. (RAGO e CARDOSO, s/d).

Para que o educando esteja bem posicionado durante as atividades devemos escolher os recursos de apoio, tais como: visuais, motores e proprioceptivos.

Exemplos: Cadeira adaptada, cadeira de rodas com mesa de apoio, puffs, plano inclinado, cunhas, calça de apoio, Parapodium, órteses, próteses.

Locomoção

“Habilidade de deslocar-se no ambiente, de um lugar inicial para o lugar desejado, com segurança, harmonia e conforto”.(Giacomini 2008, p.15)

Exemplos: Cadeiras de rodas, andadores, bengalas, pré-bengalas, muletas, órteses e próteses.

III.APOIOS SENSORIAIS

Entendemos como apoios sensoriais todos os recursos de alta e baixa tecnologia, estratégias e adequações desenvolvidos em todas as atividades e ambientes de forma personalizada para

cada criança e jovem com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial para que possam ter acesso às informações do mundo e participar efetivamente junto aos seus pares no ambiente escolar.

Considerando que as crianças e jovens com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial têm como características, apresentarem déficits sensoriais em mais de uma área [visual, auditiva, gustativa, olfativa, proprioceptiva, vestibular, tátil e cinestésica]. As perdas sensoriais precisam ser consideradas para a identificação dos apoios necessários para as crianças e jovens com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial. Porém, as perdas sensoriais não são entendidas no aspecto quantitativo das mesmas, mas sim, no uso eficiente dos canais sensoriais remanescentes, a fim compensar essas mesmas perdas pela utilização de recursos e adequações.

Apoios Sensoriais Visuais: referem-se às adequações específicas para que as crianças e jovens com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial com baixa visão possam fazer máximo uso de seu resíduo visual. Para tanto é importante o conhecimento do tipo de perda visual e suas conseqüências para que as adequações e estratégias possam ser específicas e que atendam as necessidades individuais e facilitem o acesso às informações visuais do mundo.

Tipos de Apoio:

Recursos Ópticos: lentes de magnificação, lupas manuais, lunetas, lupas eletrônicas, telelupas, CCTVs.

Recursos não Óticos: adequações de cores e contrastes, computadores e softwares, lousa eletrônica, letras ampliadas, cadernos com pautas ampliadas, lápis nº 3B, 4B e 6B, livros didáticos ampliados, lousa branca e iluminação adequada.

Os apoios visuais como o aumento de tamanho, ângulos, distâncias, contrastes e cores podem motivar e beneficiar todas as crianças do grupo facilitando o acesso à informação e permitindo a comunicação generalizada. A iluminação da sala de aula é outro aspecto a ser considerado com adequações de entrada de luz e brilho.

Apoios Sensoriais Auditivos: referem-se ao uso de equipamentos de amplificação sonora, individual [AASI] e coletivo [Loops]; de estratégias que utilizem instrumentos sonoros, sons ambientais, sons da fala e ao apoio de profissionais para acesso à informação auditiva.

O tipo da perda auditiva e suas conseqüências precisam ser conhecidos, para que se avalie e a indicação e adaptação do Aparelho de Amplificação Sonora Individual.

O ambiente acústico da sala de aula deve ser considerado a fim de minimizar ruídos, principalmente no caso de crianças com comprometimento de processamento auditivo central,

recrutamento e disfunção de integração sensorial auditiva, ou para amplificar os sons ambientais de forma organizada.

Para muitas crianças e jovens com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial, além do uso de equipamentos de amplificação sonora, também serão necessário o apoio de profissionais específicos para o recebimento e o entendimento das informações auditivas. São eles: intérprete de língua de sinais, guias-intérpretes e instrutores mediadores.

Apoios Sensoriais Táteis: são todos os recursos, adequações e estratégias para suplementar ou compensar a informação auditiva e visual. Tais apoios requerem planejamento porque não se trata de apenas prover informações táteis, mas sim, de organizar a informação de forma clara para facilitar a aprendizagem por meio do canal sensorial tátil. É importante ressaltar que para maioria das crianças e jovens com surdocegueira o tato poderá ser o canal principal de obtenção de informação do mundo.

Os apoios táteis são particularmente importantes para crianças e jovens com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial, para que possa movimentar-se com segurança, se organizarem e reconhecerem os seus materiais no espaço da aula.

Tipos de apoios: diferentes texturas, formas, temperaturas, contornos, alto relevo, e pesos para identificar objetos pessoais, espaços, móveis, indicar direções e confeccionar materiais de

estudo. Tecnologia Assistiva: máquina Braille, display Braille, reglete, soroban.

Apoios Sensoriais Proprioceptivos: referem-se aos canais proprioceptivos, cinestésico e vestibular, responsáveis pelas informações de posicionamento do corpo no espaço, deslocamento e equilíbrio, respectivamente. Essas informações são provenientes dos músculos, tendões e articulações estando relacionadas a todas as atividades de movimento e posicionamento.

O movimento é um dos meios mais importantes para crianças com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial terem acesso às informações do mundo, sendo utilizado de forma lúdica. No caso das crianças pequenas o movimento corporal junto ao adulto é responsável pela formação do contato pessoal, do vínculo, recepção e expressão de informações.

Tipos de Apoio proprioceptivos, cinestésicos e vestibulares: redes, cadeira de balanço, vestibulador, escorregador, gira-gira, gangorra, outros brinquedos de pátio e parque, bolas Bobath, brinquedos e equipamentos dos ambientes e espaços destinados às atividades Educação Física e Brinquedotecas.

*Texto de Apoio Sensoriais baseado em: HARING, N. G., ROMER, L. T(1995) e DOWNING, J.E. (1996)

IV. APOIOS SOCIAIS

Segundo Bove 2009, para realizar a inclusão dos alunos com surdocegueira e /ou com deficiência múltipla os apoios sociais a serem programados e executados na escola são de maior importância. Por meio deles as relações que devem ser desenvolvida entre os colegas de classe poderão ser estabelecidas com maior facilidade, rapidez e efetividade (VILLA E TOUSAND, 1999)

Referem-se ao desenvolvimento do espírito de participação e mudanças de atitude oferecendo total apoio aos alunos com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial, criando redes de interação entre amigos da sala de aula, amigos tutores e amigos defensores de seus interesses, abertos a uma verdadeira cultura inclusiva.

Amigos da sala de aula – Todos os alunos que convivem juntos em sala de aula. Colegas que inicialmente são mais ligados aos alunos com múltipla deficiência e que orientados e estimulados vão conseguir as melhores maneiras de colaborar ampliando a rede de relacionamentos nas ocasiões de convívio social ampliando a rede de relacionamentos, no intervalo, no lanche, nas tarefas.

Amigos tutores – alunos que podem ajudar nas tarefas de aprendizagem. Alunos da sala de aula que apresentam maior afinidade com o educando com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial, assim como, se mostram cooperativos com este aluno. Estes alunos auxiliarão nas tarefas diárias, de forma que não se sobrecarreguem. O ideal é que se forme um grupo, e que as tarefas e momentos de ajuda sejam escalonados de maneira que se tornem agradáveis e promovam o crescimento e aprendizagem de todos.

Amigos advogados – amigos que são mais envolvidos com o educando com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial e possam ser sua voz na sala de aula e nas reuniões de planejamento e avaliação. Nestes momentos o amigo advogado verificar as necessidades do aluno com deficiência múltipla sensorial no dia a dia da escola e é capaz de elevar a reivindicação de medidas para que elas sejam atendidas prontamente. O amigo advogado exporá suas sugestões, questionará, reclamará, advogando pelos direitos e deveres de seu amigo com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial. O mais importante é que estes amigos sejam realmente envolvidos no dia a dia do educando com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial.

V. APOIOS EMOCIONAIS

Os apoios emocionais necessários referem-se aos vários públicos envolvidos no processo sobre as questões básicas dos comportamentos e atitudes de cada um deles.

Os apoios emocionais devem incluir: família, professor, aluno e comunidade escolar.

Família:

Para que a família possa ser membro da equipe colaborativa no processo de inclusão, fato que é almejado por muitas delas desde faz bastante tempo segundo Aráoz (2002), Souza (2002) e Jesus (2002), deve ser esclarecida sobre os ganhos que seu filho terá com a educação inclusiva.

A conscientização de que o filho poderá ter um programa educacional individualizado com conteúdos alinhados ao currículo regular focado nas suas competências, tendo como objetivo final proporcionar habilidades de qualidade de vida fará com que elas acreditem.

Também ao perceber que o ambiente educacional dispõe de recursos e pessoal adequado às necessidades do seu filho, que a metodologia utilizada desperta as potencialidades dele a família passará a acreditar no potencial dele e da escola como ambiente educacional habilitado para atender a pessoa com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial, envolvendo-se no processo inclusivo.

Professor:

O professor é um dos agentes principais do processo de inclusão, este deverá ser fortalecido, mostrando para ele que toda a escola está preparada para este processo. É preciso mostrar que terá um lugar de apoio onde poderá sanar suas dúvidas, se reciclar e compartilhar suas vivência e experiências com outros profissionais envolvidos no processo, por meio de encontros de profissionais das áreas da saúde e educação (AMARAL, 2002).

Educando:

Promover e planejar estratégias para sua inserção no ambiente escolar no qual ele possa realizar um vínculo de confiança com o professor e com todos os participantes do ambiente escolar (SMITH e RYNDAK, 1999).

Comunidade escolar:

Organizar estratégias de como lidar com possíveis comportamentos característicos da surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, visando uma normatização de conduta de todos os envolvidos com esse aluno, tais como professores, coordenadores, diretores, funcionários, amigos e familiares.

Promover a consciência de que a inclusão deve ser uma força para a renovação da escola como O'Brien e O'Brien (1999) afirmam, incluindo mudanças nas estratégias administrativas recomendadas Sage (1999) para facilitar a realização da comunidade escolar inclusiva.

VI. APOIOS PARA ACESSO E PARTICIPAÇÃO AO CURRÍCULO GERAL.

A educação inclusiva foi reiterada pela Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência da Organização das Nações Unidas, em 2007 como um direito de todas as crianças estarem na escola, bem como é prevista pela Política Nacional de Educação (2008). Devermos levar em consideração que os educandos com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial devem participar dos mesmos objetivos, das mesmas atividades e dos mesmos ambientes que os demais educando apenas com o uso dos apoios, e que os resultados da aprendizagem deverão ser os mesmos que os requeridos aos demais educandos (GIANGRECO, CLONINGER e IVERSON, 1998 e BOVE 2010 e 2011).

Há necessidade de avaliar cada educando, sendo assim alguns precisarão de mais apoios para o acesso e participação do currículo geral, neste caso não serão criados currículos alternativos e sim providenciado o acesso e participação por meio de flexibilização¹ curricular. São os seguintes os apoios para acesso e participação ao currículo geral

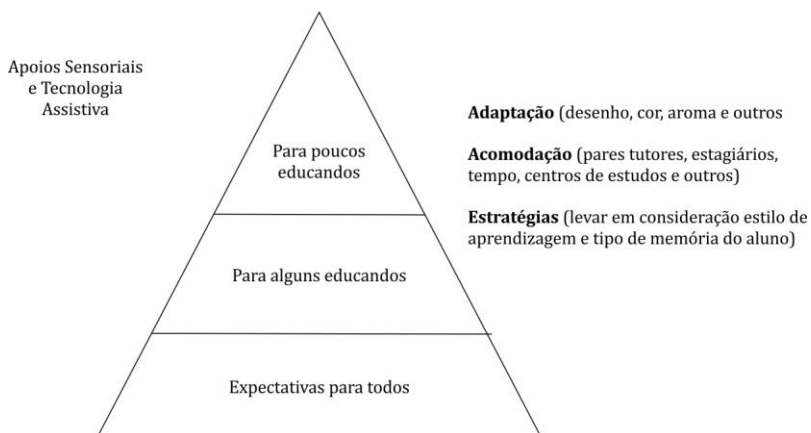
Educação Individualizada (PEI) As habilidades acadêmicas a serem desenvolvidas estão de acordo com o ano escolar, considerando: ritmo, estilos de aprendizagem, habilidades, preferências e capacidades individuais de cada educando com

¹ Flexibilização: está relacionada aos recursos e estratégias de ensino.

surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial. O educando vai desenvolver as expectativas de aprendizagem do currículo geral de cada ano flexibilizado por meio das habilidades para atingir uma melhor qualidade de vida e sua avaliação deverá ser por meio de uma avaliação autêntica².

Currículo Multinível: O professor vai selecionar algumas das expectativas de aprendizagem de cada série de acordo com educando (suas habilidades e funcionalidade). Não se trata de um reducionismo no currículo e sim de uma seleção de expectativas de aprendizagem com apoios necessários, planejados de acordo com a necessidade individual de cada educando com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial, Entendemos como apoios necessários: Apoios Sensoriais, Acomodação (Se ele precisa de mais tempo para responder, ou se precisa trabalhar em grupo ou em duplas), Adaptação (tudo que se refere ao material a ser utilizado pelo educando) e Estratégias.

² Avaliação Autêntica: Avaliação Qualitativa do aluno é uma valorização do desempenho do aluno (por exemplo, portfólio e outros documentos), segundo Weymeyer (2008)



Fonte: BOVE (2013) baseado em Revista: Education and Training in Mental Retardation and Developmental Disabilities, 2002, 37(3), 223-234, Division on Mental Retardation and Developmental Disabilities, **Promoting Access to the General Curriculum for Students with Mental Retardation: A Multi-Level Model**, Michael L. Wehmeyer, G. Denise Lance, and Susan Bashinski, The University of Kansas, acesso: http://www.beachcenter.org/research/fullarticles/pdf/acg2_promoting%20access%20to%20the%20gc.pdf

A figura utilizada do triângulo foi dividida em três partes, na qual a base abarcaria todas as expectativas de aprendizagem planejadas para todos os educandos referente a cada série, a divisão do meio representa a seleção de algumas expectativas de aprendizagem para aqueles educandos que demonstram mais necessidades e apoios, levando em consideração a diversidade

dos estilos de aprendizagem e tipo de memória de alguns educandos, como por exemplo, educandos e requerem mais tempo para responder. A ponta do triângulo representa as expectativas para poucos alunos que requerem apoios constantes.

Currículo Sobreposto: no qual será mantido o tema que está sendo desenvolvido com a classe, mas com objetivos em outros ambientes quando necessários por meio de atividades diferenciadas. O Educando participa da atividade da classe dentro do conteúdo trabalhando nos resultados de aprendizagem que provêm de outras áreas curriculares (GIANGRECO, CLONINGER e IVERSON, 1998 e BOVE 2010 e 2011).

Equipe colaborativa: Trabalhar em uma abordagem colaborativa e de co-docencia. Essa forma de trabalhar centra a sua ação nas necessidades e nos valores da família e da criança para melhorar a sua qualidade de vida. A equipe colaborativa é um grupo de pessoas que trabalha de uma forma sinérgica de forma a visualizar o ensino e o contexto nas principais áreas da programação educacional: Avaliação; Planejamento e no desenvolvimento dos objetivos de ensino do currículo geral, no PEI e na Intervenção. Na Co-docência o professor especialista ou

professor especializado atua em conjunto na classe com a professora de sala de aula com todos os alunos.

Segundo Nunes (2007) o trabalho colaborativo acontece nos contextos naturais em atividades significativas que promovem a aprendizagem e a generalização.

Esta equipe é composta por: família, professores, especialistas, facilitadores da inclusão membros da comunidade escolar, e demais profissionais envolvidos com o educando,

Avaliação Funcional e Valoração (Avaliação Autêntica): é realizada no ambiente natural da aprendizagem, ou seja, na escola, e não em ambientes terapêuticos.

- ✓ **Visão:** Funções visuais; eficiência visual; comportamento visual; indicação e adaptação de recursos ópticos e não ópticos e condutas a serem inseridas e seguidas dentro do PEI.
- ✓ **Audição:** avaliação comportamental da audição, indicação e adaptação de aparelhos de amplificação sonora individual, indicação de condutas principalmente no que diz respeito ao processamento auditivo central; indicação de condutas comunicativas a serem inseridas e seguidas no PEI.
- ✓ **Linguagem e Comunicação:** um Sistema que promove a comunicação dos estudantes de forma receptiva e expressiva do educando a serem seguidas por todos que com ele se

relaciona. (Formas, Funções e Apoios, ou seja, um sistema macro em comum com educando).

- ✓ Orientação e Mobilidade: consciência corporal, segurança, equilíbrio, destrezas, deslocamento e condutas a serem inseridas e seguidas no PEI.
- ✓ Motora: marcha, posicionamentos, posturas, indicação de próteses e órteses e condutas a serem inseridas e seguidas no PEI.
- ✓ Avaliação e valoração das habilidades de qualidade de vida: Atividades de Vida Autônoma, Social, Vocacional, Comunidade, lar, habilidades acadêmicas e recreação, visando à autogestão e determinação.

VII. APOIO DE PESSOAL

Ser o responsável da interação entre a criança ou jovem e os demais educandos para promover a inclusão e participação integral dele.

Professores de sala de aula

Profissional preparado com conhecimento sobre esta população e com conhecimento de currículo geral.

Auxiliar/ Assistente/ Voluntários

Ser o apoio do professor na sala de aula para ajudar no desenvolvimento das atividades e apoiar o educando com

surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial nas suas necessidades. Atuar em Co-docência³.

Profissional especializado

Um profissional com especialização nas áreas de Surdocegueira e Deficiência múltipla sensorial com conhecimento do currículo geral.

Profissional do AEE (Atendimento Educacional Especializado)

Profissional especializado para realizar o atendimento educacional especializado dos educandos com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial que preferencialmente atenderá em contra turno escolar e quando necessário em casos de alunos com necessidades específicas em especial problemas graves de saúde atuará em conjunto na sala de aula do educando, visando apoiar sua aprendizagem e apoiar o professor da sala comum e sua família.

Cuidadores para as Atividades de Vida Autônoma

Profissional de apoio a crianças e jovens com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial que necessitem de ajuda para realizar suas atividades de vida autônoma social. Ter acesso aos

³ Co docência – Preparação de materiais, dirigir pequenos grupos, facilitador de centros de aprendizagem, apoiar de forma colaborativa.

documentos que dá informações dos educando para atuação no seu papel.

Profissional da Área de Saúde

Profissional que apóie as crianças e jovens com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial que necessitem de cuidados de saúde específicos, como: aspiração da traqueostomia; alimentação por sonda gástrica ou nasal; medicação controlada, suporte de oxigênio e quando ocorre crises convulsivas e outros .

Mediadores

É o profissional que intervém com pessoas com surdocegueira e ou com deficiência múltipla sensorial mediando à interação entre esses e o ambiente a fim de dar condições para se comunicarem efetivamente e receberem informações não distorcidas do mundo a seu redor.

Facilitadores de inclusão

É um profissional com conhecimento nas áreas de surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, currículo geral e na dinâmica de funcionamento da escola, que terá o papel de mediar o processo de inclusão desses alunos com toda comunidade escolar.

Podem ser os **Professores itinerantes ou de sala de recursos:**

A função dos professores de sala de recursos e itinerante é dar apoio ao aluno com deficiência que está inserido na sala regular

de ensino e auxiliar o professor da classe regular a entender e usar as estratégias desenvolvidas para estes alunos na sala regular.

Atuar em conjunto com a Comunidade escolar para mediar e apoiar a participação total dos educandos com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial, não somente em classe e sim em toda comunidade escolar.

Poderá ter a função também para escrever e transcrever o sistema Braille e à tinta dos materiais dos alunos com cegueira na íntegra do que foi produzido por este, bem como, facilitar o entendimento do aluno em relação ao conteúdo dado pelo professor de sala regular por meio da sua forma de comunicação preferida, garantindo assim, a sua compreensão sobre o tema explanado.

O professor itinerante geralmente atende várias escolas, não tendo um polo fixo. A própria palavra itinerância dá a ele a função de visitar um número de escolas por semana ou quinzenalmente, auxiliando os alunos com deficiência destes locais.

Guia-intérprete

“O guia-intérprete é uma ponte de comunicação e de conexão entre o mundo e a pessoa com surdocegueira; é um facilitador não só de comunicação, mas também de integração social desta pessoa”. (RODRIGUEZ 1999)

Especialistas [Fisioterapeuta, Fonoaudiólogo, Assistente Social, Terapeuta Ocupacional e Psicólogos]

Profissionais que atuam na reabilitação e habilitação de pessoas com deficiência com experiência no atendimento com pessoas com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial. .

O&M: Profissional que orientará e promoverá o treinamento dos recursos necessários para deslocamento nos ambientes (internos e externos). Apoiará a escola na sinalização dos ambientes e apoiará as famílias e as pessoas com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial nos treinamentos das rotas: casa-escola, escola-casa e transportes públicos.

Apoio de forma direta ou indireta.

Profissionais e professores de áreas correlacionadas:

Profissionais das áreas de música, biblioteca, educação física, artes, etc. que atuam no apoio a inclusão do aluno com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial. Atuarão de forma direta e indireta.

Profissionais da administração

Diretores, Coordenados e Assistentes de Diretores, profissionais sensibilizados, comprometidos e sensibilizados que promovem e reforçam os conhecimentos para: outros profissionais, educandos e profissionais da manutenção da comunidade escolar com relação a população com surdocegueira e com deficiência múltipla sensorial.

Famílias. APM e conselhos escolares

As Associações de Pais de Deficientes Múltiplos tem um papel fundamental no processo de inclusão. De acordo com ABRAPASCEM (1999) sua função é apoiar as famílias em todas as necessidades para que seus filhos com deficiência múltipla sensorial e surdocegueira possam ser educados como cidadãos em todos seus direitos para que possam cumprir com seus deveres.

Somente pela consciência das famílias que tem a responsabilidade de cuidar do desenvolvimento de filhos com Deficiência múltipla sensorial e com Surdocegueira facilitada pela união com outras famílias com os mesmos interesses é possível que elas venham a serem fatores de desenvolvimento de consciência para todas ou promotoras para outras famílias na escola. Segundo Aráoz e Aráoz (2007) a contribuição das associações específicas com as Associações de Pais e Mestres da Escola é um fator que deverá ter-se em conta como facilitador desse sistema de inclusão pelo conhecimento acumulado e a capacidade de mobilizar recursos de apoio.

Todos os membros da equipe de apoio pessoal serão responsáveis pela: articulação entre família, escola, comunidade para receber, apoiar e promover os sistemas inclusivos e orientar os profissionais nos procedimentos necessários a participação.

VIII. APOIOS CULTURAIS

Para que o processo de Inclusão ocorra com responsabilidade, há necessidade da mudança de paradigmas e de valores, favorecendo uma cultura sólida sobre inclusão, referindo-se a: dignidade, respeito, responsabilidade social, ética, integridade, qualidade, para que todos possam ser membros importantes, valorizados e participativos da comunidade escolar e geral.

É importante ressaltar que o Projeto Político Pedagógico contemple essa visão.

RECOMENDAÇÕES

O Grupo de trabalho que organizou este documento considera fundamental:

- ✓ Garantir na Equipe colaborativa o papel do profissional “Facilitador da inclusão” para promover a inclusão responsável e o envolvimento de todos nesse processo.
- ✓ Existir uma Cultura de Inclusão onde ocorram mudanças de atitudes de toda comunidade escolar, visando à valorização da participação efetiva da pessoa com deficiência em todos os contextos escolares.

REFERÊNCIAS

AMARAL, ISABEL. A educação de estudantes portadores de surdocegueira. In MASINI, ELCIE F. SALZANO (Org.). **Do sentido... pelos sentidos... para o sentido...** Niterói: Intertexto; São Paulo: Vetor, 2002. p. 121-144.

ARÁOZ, SUSANA MARIA MANA. A família e os surdocegos congênitos. In MASINI, ELCIE F. SALZANO (Org.). **Do sentido... pelos sentidos... para o sentido...** Niterói: Intertexto; São Paulo: Vetor, 2002. p. 57-58.

ARÁOZ, SUSANA MARIA MANA de e ARÁOZ, VICTOR VENANCIO. **Relacionamento Famílias – Instituições.** In Anais do II Fórum Internacional de Surdocegueira. Grupo Brasil, Aracajú, 2007

BOVE, Maria E.V. V. Apostilas da Consultoria Técnica para o Projeto Perkins Lavelle/2009/2010/2011/2012 e 2013.

DOWNING, J.E. *Including students with severe and multiple disabilities in typical classrooms: practical strategies for teachers.* Baltimore: Paul H. Brookes Publishing Co., 1996

CAT/SDHE 2007. Tecnologia Assistiva, Secretaria Nacional de Direitos Humanos e Coordenadoria Comitê Brasileiro de Tecnologia Assistiva, pg. 32 2009. no prelo.

GIACOMINI, LILIA. **Análise de um programa: “Passo a Passo” Orientação e Mobilidade para pessoas surdocegas.** Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. 2008.

GIANGRECO, MICHAEL F., CLONINGER, CHIGEE J. e IVERSON, VIRGINIA SALCE. **Escogiendo Resultados y Acomodos para**

Niños. “Choosing Outcomes and Accommodations for Children” (COACH por sus siglas en Inglés). 1998. Traduzido e editado para o espanhol por Carmen L. Avilés Ortiz. Programa de Servicios a Niños y Jóvenes Adultos. Porto Rico. 2008.

Glennen, S.L. (1997). Introduction to augmentative and alternative communication. Em S.L Glennen & D.C. DeCoste, (Orgs.). *Handbook of Augmentative and Alternative Communication* (pp. 3 - 20). San Diego: Singular Publishing Group, Inc

HARING, N. G., ROMER, L. T. *Wellcome students who are deaf-blind into typical classrooms: facilitating school participation, learning and friendships.* Baltimore, Maryland: Paul. H. Brookes Co., 1995

JESUS, REGINA MARIA DE. Alguns pontos de atenção do profissional junto à família da criança com deficiência. In MASINI, ELCIE F. SALZANO (Org.). **Do sentido... pelos sentidos... para o sentido...** Niterói: Intertexto; São Paulo: Vetor, 2002. p. 181-184.

NUNES, CLARISSE (2007) Anotação durante curso de especialização Formação de Educadores de Pessoas com deficiências sensoriais e múltiplas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

O'BRIEN, J. e O'BRIEN C. L. A inclusão como uma força para a renovação da escola. In STAINBAK, S. e STAINBACK, W. **Inclusão. Um guia para educadores.** Porto Alegre, Artmed Editora, 1999.

PINTO, H.H.C.; LÓPES, R.F.A. Problemas posturais em alunos do Centro

de Ensino Médio 01 Paranoá - Brasília DF.

Revista Digital - Buenos Aires - Año 7 - N° 42 - Noviembre de 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>.

RAGO, ANA LÚCIA e CARDOSO, LUCIANA PINTO, Posicionando a Criança com baixa visão e distúrbio neuro-motor, editora FTD, s.d.

SAGE, D. D. Estratégias Administrativas para a Realização do Ensino Inclusivo. In STAINBAK, S. e STAINBACK, W. **Inclusão. Um guia para educadores.** Porto Alegre, Artmed Editora, 1999.

SMITH, M. A. e D. L. RYNDAK, Estratégias práticas para a comunicação com todos os alunos. In STAINBAK, S. e STAINBACK, W. **Inclusão. Um guia para educadores.** Porto Alegre, Artmed Editora, 1999.

SMITH, L. K.; WEISS, E. L.; LEHMKUHL, L. D. **Cinesiologia clínica de Brunnstrom.** 5. ed. São Paulo: Manole, 1997.

SOUZA, MARCIA MAURILIO. Oportunidade para aprender. In MASINI, ELCIE F. SALZANO (Org.). **Do sentido... pelos sentidos... para o sentido...** Niterói: Intertexto; São Paulo: Vetor, 2002. p. 63-64.

VILLA, R. A. & THOUSAND, J. S. Colaboração dos Alunos: Um elemento essencial para a Elaboração de Currículos no Século XXI. In STAINBACK S. & STAINBACK W. **Inclusão. Um guia para educadores.** Porto Alegre, Artmed Editora, 1999.

Wehmeyer, Michael L.; **Lance**, G. Denise; **Bashinski**, Susan. Promoting Access to the General Curriculum for Students with Mental Retardation: A Multi-Level Model. Revista: **Education and Training in Mental Retardation and Developmental Disabilities**. Division on Mental Retardation and Developmental Disabilities. Numero 37(3). Pag. 223-234,. The University of Kansas. 2002. Disponível:
http://www.beachcenter.org/research/fullarticles/pdf/acg2_promoting%20access%20to%20the%20gc.pdf. Acessado em 01/08/2013.

Glossário

Cinestésico ou cinestesia: É o sentido pelo qual se percebem os movimentos musculares, o peso e a posição dos membros. Ele fornece informações sobre as posições relativas dos membros e outras partes do corpo durante os movimentos e sobre as tensões musculares.

Comportamentos característicos da pessoa com surdocegueira e com deficiência múltipla: “Comportamentos estereotipados” – agressão, autoagressão e autoferimento, balanceios de mãos, braços e corpo. Esses comportamentos podem ser causados por dor, mudanças no estado de saúde, mudanças que ocorrem na adolescência, medicação e falta de interação ou frustração pela dificuldade de comunicação. Eles causam impacto sobre o aprendizado do educando, pois interferem na atenção e, muitas vezes, são incompatíveis com as atividades de aprendizagem. A comunidade escolar precisa entender a origem desses comportamentos, observando a intenção de comunicação do educando e o contexto em que ocorre, para que possam desenvolver comportamentos de comunicação alternativos e assim reduzi-los. Estas ações devem ser adotadas por toda a comunidade escolar. (AMARAL, 2002).

Lugar de apoio: Lugar onde o professor ou a escola poderão buscar o apoio e organização de estratégias para orientar a família e o aluno para a modificação do comportamento, por exemplo: Instituições especializadas, serviços da saúde e Associações de Apoio.

Flexibilização: O professor tem no currículo os conteúdos e ao desenvolvê-los com o grupo avalia que um aluno com deficiência apresenta uma necessidade específica para esse conteúdo e organiza outras estratégias que permitem à pessoa com deficiência se apropriar do conhecimento.

Multicomunicação: Utilizar os vários tipos de comunicação de acordo com a necessidade dos alunos: desenhos, fotos, letras ampliadas, escrita Braille, figuras de sistemas alternativos (Bliss, COMPIC, PCS, e outros), desenhos ou figuras dos sinais da Libras ou outras formas convencionadas para a situação de sala de aula. Essas formas de comunicação alternativas podem ser usadas isoladamente ou simultaneamente, de acordo com as necessidades dos alunos.

Sinalização: É um sistema para orientação. É o domínio de técnicas para desenvolvimento de signos de advertência, pictogramas, setas, tipografia específica e de cores são códigos visuais que proporcionam o rápido entendimentos das

informações e traduzem a hierarquia orientadora, necessária ao receptor.

Sons ambientais: Todos os sons comuns em sala de aula e nas dependências da escola, como falas do professor e alunos em sala de aula, gritos dos alunos durante as brincadeiras no recreio, entre outros.

Proprioceptivo ou propriocepção: Sensibilidade própria aos ossos, músculos, tendões e articulações e que fornece informações sobre a estática, o equilíbrio, o deslocamento do corpo no espaço, etc.

Vestibular: O sentido vestibular é, às vezes, chamado de sentido de orientação ou equilíbrio. Ele fornece informações sobre o movimento e a orientação da cabeça e do corpo em relação à Terra conforme as pessoas se movimentam sozinhas ou em veículos como carros, aviões, barcos e outros. Estas informações, que não adentram a consciência, ajudam as pessoas a manterem uma postura ereta e a ajustar a postura durante os movimentos. O sistema vestibular ajuda também na visão. A cabeça move-se continuamente conforme inspecionamos o meio ambiente. Os olhos movem-se automaticamente para compensar os movimentos da cabeça, um reflexo iniciado pelo sentido vestibular.